

# FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

**ROCHA MARTINS**

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440-C.

## A baixa da natalidade e os medicos

Resposta simples a uma conferencia douta —  
Porque decresce a natalidade — O estado so-  
cial e o lar — Os medicos e as parturientes —  
As suas grandes responsabilidades

Alarmadamente, na Sociedade de Sciencias Medicas, o senhor doutor Csta Sacadura, clinico illustre, falou do decrescimento da população portuguesa. E' pequeno o movimento da natalidade e o homem de sciencia que o constatou não achou mais nada para o atenuar senão o imposto sobre o celibato e sobre os casais sem filhos.

E' bem certo que cada um em Portugal fala uma linguagem que são como um cauteloso passear de galochas.

Certamente que diminue a natalidade, que  lamentavel tal constatação mas se aos homens de medecina cabe o revela-lo tendo em conta que não é de seus conhecimentos que devem partir os alvitres para remediar males produzidos por factores nos quais não se atrevem a tocar.

A razão do mingramento da natalidade está, sobretudo, no descabro social; tem a sua origem na ganancia, na falta de escrupulos, na imprevidencia, nos crimes que praticados por uns, não encontram a punição por parte dos governantes. Receou, o medico, que o acoimassem de politico ou de revoltado e não quiz dizer o seu verdadeiro sentimento sobre o assunto ou realmente não atingiu a causa primordial de tão funestos resultados?

A meu vr quem tem mais filhos são os pobres. São eles que geram a carne de sofrimento, a carne de canhão, a carne do subterraneo das minas, a carne dos limpa valetas, a carne dos torturados, a carne da prostituição. Os seus prazeres dum instante, o seu grande arrepio da vida, transforma-se num delicto porque geram desgraados. Antiga-mente isto não era assim. O pai ganhava a sua feria ou o seu salario, fazia as suas compras, creava os garotos como podia, mas sempre havia

um cantinho de pão para lhes dar. Suponha-se, porém, que se tratava dum homem muito necessitado, dum trabalhador rodeado de criancinhas. Existiam os asilos onde internavam algumas; sabia-se da caridade particular para as ajudar. A sociedade dominante nessa época aprendera de seus maiores a ternura pelos pobres; não podia vêr uma dôr sem tentar remedia-la e se no meio dela se dandinavam *snoobs* em gestos exhibicionistas, a maioria praticava o seu acto bondoso por profundo sentimento de solidariedade.

Havia, ainda, quem o fizesse por catolicismo e também por motivos doutra religião sem culto externo: humanitarismo, fraternidade.

De repente, a maioria dessa gente empobreceu. Os que tinham alguns contos e não os arrojaram às grandes especulações, aos crimes, às veniagens, á ganância, á moagem, ficou numa situação pessima. Quem possuía 100 contos, antigamente, era rico; hoje é pouco remediado.

A sua propriedade também não se valorizou e quem podia dar, naquele tempo, uma casita de graça a um pobre hoje não o faz porque lhe é prejudicial tal esforço. Os que enriqueceram de repente, os açambarcadores, os socios dos politicos, os aventureiros de toda a casta é que detem a riqueza. Tornaram a vida cara; fizeram dela um inferno, atormentaram a todas as horas as existencias, mostraram o negrume dum futuro terrivel... a continuarem este estado de cousas.

E' neste momento que se vem gritar á legião productora e intellectual, aos operarios, aos caixeiros, aos empregados, aos funcionarios, aos jornalistas:

«Crescei e multiplicai-vos. Façam filhos! Se não os fizerem pagarão uma decima, um imposto! «O dilema é este: ou fabricar faminhos ou cercear nos seus lares os pequenos prazeres que ainda usufruem, pagando para que cresça a aluvião de infelizes.

Eu também quero o imposto que—em nome da Patria e não sei se da Republica—o illustre clinico alvitra mas desejo que se vá buscar só aos ricos, áqueles ricos que citei, a esses que serão amanhã os donos da carne que se gera para seu uso.

O decrescimento da população num país onde até os abades creavam os seus «sobrinhos» e «afilhados» numa função de homens que tenham de lhes dar de comer, origina-se apenas no terror de não ser possível, sem grandes sacrificios, conduzir um pequenito do berço á escola e dali á officina, ao escritorio, á universidade, ao exercito, á armada. A vida dos adultos em Portugal tornou-se um jugo; é uma canga; é um pesadelo. Carrear mais aflições é criminoso, sobretudo desde que não se tem ao menos a esperanza duns dias melhores.

Os governos dizem que vão diminuir o exercito, fechar as escolas superiores, economisar verbas e grita-se, ante tanta miseria:

—Façam filhos!

Ha gente que vive apenas de refeições mesquinhas, de sopas de café, de caldos sem suco porque carece de pagar por um quarto onde habita quasi metade de seus ganhos. Todos os dias aumentam os preços dos generos; um regabofe extranho entontece os vendedores; um precalço funesto perturba os compradores que somos todos; a maior falta de senso politico paira sobre tudo isto, deixando á larga os do lucro, todos a carregar-nos da fome!

E é neste momento que se vem dizer, num alarme: Decima para os solteirões! Quem não arranjar mais gente para sofrer que seja

multado!... Singularissimo criterio de resolução dum problema tão grave que nem em França—onde por outros motivos, decresce a população ao passo que a vencida Alemanha, aumenta sempre o número dos seus habitantes—se resolveu; curioso remedio para o mal que nasceu, teve sua genése na falta de alimentação barata, de assistencia publica, na ausencia de protecção aos trabalhadores, sejam eles medicos ou sapateiros, guarda livros ou cavadores, na carencia absoluta de habitações em conta. Os que as edificam pedem brutalidades para nos deixarem acolher em exiguas divisões o corpo cançado da labuta. Para que aumentar a população—diria um lisboeta com o espirito de quem vê as cousas de chofre—se nem ha onde meter a que existe?!

Lembro-me de encontrar, por esses bairros miseraveis onde habitei, creancitas tremulas, em bichas, pelas madrugadas ás portas dos padeiros, outras nos limiares das escadas, muitas procurando logares distantes onde a policia não lhes fôsse perturbar o sono sobressaltado de todos os mendigos, de todos os vagabundos, de todos os parias que avolumam dia a dia.

Na Alemanha imperial crescia a população porque sempre que uma mãe queria dar a seu filho uma gota de leite a encontrava. E em Portugal? As maternidades, as creches, as gotas alimentares, onde estão?

Como me lembra o grito desolado dum garoto a quem acordei por uma noite de novembro, regelante, para lhe dar dinheiro: Hein, rapaz, faz frio?!

—E faz fome!...

Senti saído daqueles labios inocentes a verdade inteira. Parecia que abrangia toda a cidade: e faz fome!...

E' assim e, porque faz fome, não é justo ajoujar com um imposto quem é tão bom defensor da humanidade que não deseja expôr mais inocentes aos flagelos enquanto não se modificarem as condições em que os pobres possam viver.

\*  
\*  
\*

E' preciso que se saiba tambem que não são só as creadas de servir, embaraçadas com seus filhos, que abortam. Geralmente é a comoção que faz nascer as creanças mortas. Devem influir numa mulher sem cultura os receios, as vergonhas, o medo de não a quererem nas casas com um indez ao colo. Daí o noticiario dos jornais marcar muito frequentemente casos desta natureza.

O que porêm não vem nos jornais porque os medicos guardam segredo—o seu respeitavel segredo profissional—são as vezes que vão encontrar algumas das suas ricas clientes saídas das mãos inhabeis das abortadeiras, parteiras aprovadas pela Escola Medica, e ocultando as razões de suas dôres e seus males.

O segredo profissional é sagrado. A cliente pertence a uma rica familia; é duma respeitavel classe social, é filha ou esposa dum desses triumphadores do milhão, dos que berram, como feras em suas jaulas, por mais carne, mais braços, mais servos; e então o clinico faz vista grossa e trata a enferma, empalidecida na sua linda touquinha de rendas, reclinada no seu leito fôfo, livre dos cuidados de ter mais um *bébé* para a apoquentar, não a deixar ir ás festas, não lhe permitir gosar a vida.

Julgo que a sala das Sociedades de Sciencias Medicas transbordava de clinicos illustres, assistentes á conferencia de seu douto colega, pois

eu, sem pretender arrancar-lhes o seu segredo de profissão, tenho a certeza que a maioria, senão todos, tem visto algumas das suas doentes das camadas superiores naquele estado. E calam-se diante dos numerosíssimos casos de septicemia que a febre puerperal produz, e não lhes ralham, pelo menos, ante esse symptomatico «acidente putrido» gerado na mulher, cujo filho appareceu num feto provocado tanto como nos partos infelizes.

Claro que o clinico não denuncia essas mulheres — algumas ricas — que se entregam nas mãos das abortadeiras, as quaes levam muito caro, oferecem os seus serviços para o futuro e se vão em paz deixando atraz de si o mal que o medico, chamado á pressa, tem que tratar. E cumpre o seu dever, sentindo que está diante duma criminosa, duma mulher que se livrou de ter mais um filho não por miseria mas porque pretende maior liberdade ou por qualquer motivo, ás vezes pelo egoismo de legar mais aos que já tem ou para que nas salas não se riam de sua fecundidade de lapara.

Investigando-se bem, metendo esses homens de sciencia, as mãos nas suas consciencias, dir-me-hão que estou escrevendo verdades como punhos.

Pois se é preciso pôr uma decima sobre quem honestamente não quer lançar na sociedade mais desventurados, o que se hade exigir para um medico que perante graves sintomas, que não enganam os seus olhos experimentados, faz o tratamento da cliente e vae para a Sociedade de Sciencias escutar as conferencias sabias nas quaes se aconselham remedios sem eficacia para debelar um mal de que eles tambem tem graves culpas?

Não seria mais natural que ante aqueles casos e outros se puzesse de lado esse escrupuloso segredo profissional e se conduzisse até aos tribunaes fosse quem fosse, pertencesse a que classe pertencesse, e cujas culpas saltassem á vista?

Já alguma vez succedeu isto? Não. O que aconteceu, com certeza, pelo menos uma vez na vida a todos os medicos, foi serem chamados para curar os resultados dos abortos. Mas como foi isto? perguntam vendo bem do que se trata.

— Um geito, senhor doutor.

Ele finge acreditar no torcicolo da senhora e receita; guarda a sua calada. Entrou como um tecnico; safu como um cumplice.

Não estou atacando o reputadissimo corpo medico do meu país, mas dando elementos para o estudo do decrescimento da natalidade tão debatido ultimamente, após a conferencia dum dos mais eminentes clinicos nacionais.

Após estas informações, que, de resto, estão em todos os animos e apenas não se explanaram ainda, pela autentica falta de coragem dos nossos homens de letras e jornalistas, careço ainda de insistir no assunto pela parte que respeita aos clinicos chamados para tais aflições.

Certo medico, muito popular noutro tempo, o dr. Barradas, de Alcantara, foi levado a um palacio, onde mestres abalisados rodeavam um leito real. Havia infantes demais; a lista civil não podia com tantos encargos e applicára-se á rainha, tão fecunda, a receita que muitas damas da moda usam agora freqüentemente. O rude clinico do povo, examinou-a e disse:

— Quem lhe descoseu o vestido que lho cosa...

Safu. Daí a pouco troavam os canhões e badalavam os sinos a findos. A soberana, que fóra mãe de oito filhos, sucumbira por não se lhe consenair que a natureza cumprisse a sua tarefa, dando ao mundo a nova criança real.

Se os medicos fizessem o mesmo que o velho Barradas, diante dos estragos das criminosas abortadeiras, Lisboa veria passar grande numero de enterros de primeira classe.

\*

\* \*

Enquanto ao povo, êle, ainda assim, é pai de mais númerosa prole. Rota, faminta, suja, desditosa, coçando o seu piólho, sem arrimo, sem pão, sem casa, sem assistencia, sim, é certo, mas prole. Nasce das vielas, como as ervas dos passeios dêsses bairros miseraveis. São essas infancias degeneradas, que o alcoolico, o depauperado, o filho das cidades, e nelas criado, vai depôr no altar da Patria!!

Entretanto, dos campos veem em bandos para a capital os robustos, os sãos, para se contaminarem, deixando os arados, a labuta, a ferramenta, porque os politicos os atraem, fazendo mais amanueuses de bons cultivadores e aumentando o preço dos generos pela falta de braços e pelo urbanismo.

Após estas explicações necessarias, apenas uma pergunta inocente, mas logica:

Ha direito de fazer filhos nas condições em que se encontra a sociedade portuguesa afim de os entregar ao Estado que parece o seu peor inimigo?

## Os... dos bilhetes do tesouro

Nos bastidores do "negocio," — Nos meandros da politica — A decadencia de caracter — Dos Capelistas à Arcada — Dois romances a escrever

Depois do roubo dos 500 contos em cheques falsos, do qual já não se fala, outros, de menor monta, apareceram, dominando-os, por sua importancia. A semana deu-nos a captura duns falsificadores de 1.000 contos em bilhetes do tesouro.

O publico já não sente comoções fortes; lê nos jornais as noticias, inteira-se dos nomes dos culpados e o seu comentario iguala o do meu engraxador enquanto puxava o lustro às botas de duas solas, molhadas, que lhe estendia.

— Ah! se a *xente* andasse de automovel como os *gajos* dos bilhetes do tesouro já não tinha este trabalho...

A gente a que se referia era eu e êle; o trabalho, o de ambos, êle o de suar para me servir, eu, de me aborrecer, uns minutos, num portal, onde o vento enfiava, no desejo de enxugar um pouco as botas, depois da caminhada sob a chuva.

E é bem assim e faz meditar nesses ladrões que levaram sempre grande vida. O Pedro Cohen vi-o uma vez na Praia das Maças, risonho, feliz, num automovel cheio de senhoras, todo delicado, lindamente satisfeito, com uma rosa na botoeira. Alguem que estava comigo invejou o carro, outra pessoa, as damas, a terceira, o esplendido futuro daquele rapaz. Eu, ao sabê-lo da politica de golpe, encolhi os hombros e pensei, sem querer, que os acasos da derrota o podiam levar à Penitenciaria, como a tantos homens honrados. Não foi a politica mas o roubo, o crime que o arrancou dos carros de luxo para a cadeia.

O Julio Roxo sabia-o um janota, freqüentador de jogos *chics*, proprietario duma fábrica lá para Alcantara, director duma Companhia de Seguros, onde ha politicos de nome. Chegou a secretario dum presidente de conselho.

Isto, porém, não significa nada; não é tara duma filiação. Ha muitos democraticos honrados, de quem sou até amigo; nos diversos partidos tambem. Quiz apenas fixar uma figura.

Os outros cumpliciados, até agora, nesta formidavel burla, são intruções profissionais: *Pé de Cera*, *Macedo*, etc., não interessam senão como secundarios neste traçado dum factio recente.

São as duas mais categorisadas personagens do drama, que devem ficar como símbolos dêste tempo.

Um — o Cohen — lidou na Bolsa, foi um corretor habil, ao que dizem, mergulhou nos livros Caixas, nos Razões, manejou dinheiro alheio e gastou largamente o que ganhava. Um pouco desfavorecido pela sorte, ou antes, muito de coração nas mãos, não se importava do que podiam dizer dêle. E era honrado, ainda, dentro do limite que os codigos respeitavam. Aprendeu, porém, um estribilho que andou muito em moda no tempo em que a jogatina dos *clubs* de noite se transportavam de dia para a rua dos Capelistas. Nessa epoca inaugurava o Garrett os seus *jazz-bands* furiosos e eu que ia almoçar modestamente a Campolide, onde morava, via passar, num carro, os da batota bancaria, os exploradores do papel de crédito, aos quatro e cinco. Iam comer como principes; berrar pelos criados, encomendar musicas infernais, discutir as suas aventuras de dinheiro, de noite, no *Majestic*, de dia, nos Capelistas. Às vezes prepassavam entre êles frases com que gosavam por ter aniquilado alguem, de noite, na roleta ou na banca francesa, de manhã, na Bolsa. Eles exclamavam, rindo:

— É negócio!...

Foi este o estribilho que cobriu, por essa epoca, todas as infamias e que Pedro Cohen devia usar, senão nos labios ao menos no sua consciencia.

Dos rapazes que eu via saltar do automovel com aprumo e desdenhosamente nos olhavam — a nós todos os que trabalhavamos — ouvira dizer a miudo: tem já oitocentos, setecentos, trezentos contos...

Mas a fazer o quê?! interrogava, num fundo pasmo, encarando-os, sabendo-os insignificantes e ignorantões, tipos do acaso.

— Negócios!... volviam. E essa palavra larga como uma nuvem que abrangesse um país, desculpava tudo.

Negócios! Quando pedia um inquerito a estas fortunas — o que ainda desejo — julgavam-me louco.

— O quê?! E fulano e beltrano, e êste e aquele, tão bons rapazinhos, ao lado deles ninguem mais mexe em dinheiro.

Era a sua publicidade. O Cohen pertenceu a esta *troupe* e foi nivelando aos seus prazeres os seus sentimentos antigos, perdendo os escrúpulos tão naturalmente como os outros que, arruinando na Bolsa e na batota os desgraçados, achavam legitimo o seu lucro, o seu ganho.

— É negócio!...

Assim como um magarefe mata com mais facilidade, visto já estar costumado a vêr sangue derramado, do mesmo modo êste rapaz habituado a vêr a traficancia, essa burla eterna em que se dão todos os maus passos, por um punhado de dinheiro, não hesitou e fez o seu «negócio». Lançou os bilhetes do tesouro falsos. Chamam crime de lesa-patria ao seu acto.

Será, mas pergunto, como se deve interpretar o delito, como se deve denominar o crime de quem arruinou os Transportes Maritimos, de quem não acautelou os direitos de Portugal na Conferencia da Paz, a ponto de falharem até as reparações; de quem deixa, em nome duma industria — a Moagem — roubar escandalosamente?

Ele viu fazer todas as traficancias, e combinou a sua.

O Macieira, que o acolitou, pertence exactamente à mesma classe.

Hoje, em Portugal, triunfa-se desde que se tenha dinheiro. Ninguem pergunta donde êle vem. Era preciso arranjá-lo, e, assim como os da exploração brutal comercial e bancaria — que se faz largamente — enri-

quecem e passam por honrados, êles tambem não deixariam de o ser, após o triunfo.

Quem desconfiaria dêsse Roxo lançado em varios meios de categoria, bem vestido, pertencente a uma Companhia, onde existem homens de nomeada? Ninguem. Pois se até secretariou um presidente do conselho! No mundo politico senão o alçavam nos escudos, deixavam-lhe a entrada livre. Era da roda dos que em tórno dos ministros fazem o seu caminho, dos que pedem favores, dos que teem influencia, dos que arranjam tudo! Devia tambem ter visto muitas cousas nos bastidores dos teatros da Arcada, que frequentava. E, enquanto êle vai para a cadeia, porque um agente habil o descobriu no logro, outros da sua laia levam a mesma vida, fazendo generos de explorações com menos riscos.

Ha em Lisboa varios individuos que se tornam sombras dos grandes manejaadores dos partidos. Incrustam-se-lhes. São os que alcançam, com facilidade, até infâmias, umas vezes porque o politico partilha, outras porque, por anciedade, recomenda. Tem enriquecido muita gente com tais compadrios. Deram-se *permis* durante a guerra como *bonus* e até como pagamento de dívidas; concederam-se direitos de exportação, meteram-se em cofres de amigos de ministros quantias fabulosas, distribuiram-se largas luvas. E o Roxo sabia tudo isto. Quando quiz tentar a vida em largo, deliberou burlar o Estado, contando com a impunidade, primeiro porque tinha amigos, segundo porque calculava, ante a desordem dos serviços publicos, que levasse tempo a ser conhecido o acto. Poderia, facilmente, escapar-se; ninguem o procuraria. E lembrava-se, decerto, do caso do capitão aviador, Almeida Pinheiro, politico e ladrão, que ocupava em Paris um cargo de confiança do governo e fugiu com um milhão de francos, sem que até hoje o capturassem.

Produtos desta sociedade de fim de regimen que fermenta e fede, aí no soalheiro do descredito, êsses dois homens são os comparsas duma larga tragedia, a representar-se desde os Capelistas ao Terreiro do Paço, são as personagens dos bastidores da *Alta Banca* e da *Arcada*, dois romances que hei de tentar, se não morrer de inanição, visto não ser capaz de roubar cousa alguma nem mesmo uma idéa; nem mesmo uma frase e a vida ser impossivel para quem não fizer parte, pelo menos, numa boa moagem ou numa boa quadrilha.

E não me sai dos olhos um dos criminosos, no automovel, rindo, alegre, entre as senhoras, com a sua rosa no botoeira, entre o murmúrio da inveja e da admiração dos meus convivas: É muito fino... é muito esperto...

Encontrei, ha pouco, no comboio do Estoril, um dos companheiros da Praia das Maças, e êsse assegurou-me «que o Cohen e os socios se fôrem condenados para a Africa, ainda fazem fortuna». E, para prova, asseverou: «o 115, o assassino dos seus officiais, até hospedava o governador do seu distrito... Está rico... O Djalme dormia em casa dele... Já vêes...»

Quando me apeei, puz-me a pensar na enorme atracção que os criminosos teem uns para os outros...

# O mal da ingenuidade duma dominicana

Uma narrativa de outro tempo — As alunas de S. Domingos e os Jardins Fronteira — As esta- tuas do parque — Escrupulos exagerados duma santa — O mal e o bem

Quando as dominicanas habitavam o convento de S. Domingos de Bemfica, onde foram educadas algumas das senhoras das principais familias portuguezas, havia entre elas uma irmã de menos tacto e de escrupulos exagerados até ao extremismo, ao inaudito.

Aquele bando alegre de raparigas sem malicia mal se chegava o domingo, em que as aulas fechavam, não cabia em si de contente e gritando a sua alegria preparava-se para a saída, para ir, ao bom ar livre, divertir-se, vêr novas cousas, sob o olhar vigilante e sereno, virginal e ingenuo das excellentes educadoras.

O passeio mais proximo, aquele onde tinham maior facilidade de entrada era a formosissima quinta dos marquêses da Fronteira com suas arvores magnificas, sua beleza, no pendor da encosta, sua galeria dos reis a reflectir-se no lago azul onde os peixes cardumavam os vermelhos corpinhos.

Antigo pavilhão de caça de D. Pedro II quando se metia a fraguar de Queluz para Ajuda ou de Alcantara pelo Monsanto tornou-se, mais tarde, numa residencia onde se guarda o mais autentico cuinho antigo.

Defronte das grades de seu largo portão historico, encimado pelas armas dos Fronteiras, fica a cêrca da quinta, então das dominicanas. Visinhavam, pois, as monjas e os fidalgos, como outrora por ali tinham andado em venatorismos os senhores da côrte enquanto os bons frades, todos cheios do resplendor que fr. Luís de Sousa lhes legara, os viam passar sem saudades do mundo.

Fartas de sua quinta, da conhecida fonte do Satyro, da horta, do jardinete, as educandas preferiam a largueza do canto aristocratico e para lá partíam num louco folgar de infancia. Havia filhas de grandes casas opulentas que não queriam ir vêr as familias, nesses domingos ensoalhados, tomadas pelo desejo de brincar nas magnificencias do parque Fronteira.

Atravessavam o caminho, em cabelo, com seus aventalinhos, de tranças soltas, correndo, saltando, chamando-se e, entrando no portão largo, estavam logo na quadra famosa arruada de buxo dentre o qual

destacavam branquidões de estatuas, niveos corpos classicos, representando Virtudes, Deusas, Symbolos, julgo que até a Verdade que, como se sabe, só nua se pode vêr.

Passavam, num pardalejar rijo, as raparigas, perdiam-se nas ruas areadas, interpelavam-se, riam e voltavam para o convento ao cair da noite, cançadas de correr, ceavam á pressa, faziam as suas orações e dormiam bemaventuradamente, sob a proteção da santa innocencia.

No dia seguinte, as professoras retomavam as suas lições, mandavam-nas fazer os temas e, muitas vezes a descrição do seu passeio. Eram mais cheios de erros de gramatica francesa que de observação meticulosa os exercicios das pequenas educadas pelas dominicanas.

Um dia, porém, foi encarregada de acompanhar as discipulas aos jardins Fronteira a irmã mais cheia de escrupulos e mais vasia de tacto. Quando chegaram ao pateo, ela detendo o bando, alegre, doidivanas, pediu, numa doce, enternecida e santa anciedade de ser escutada.

«Mes enfants' je vous prie, ne regardez pas las statues!»

Que não reparassem nas estatuas, que não fixassem seus olhos nas nudezas, nos corpos modelares dessas Virtudes, dessas Deusas, desses symbolos, dessa Verdade.

Agora escutem a confissão de uma das educandas feita com aquele tom ingenuo que sempre guardam, mesmo atravez do casamento, as mulheres que receberam a educação honesta e superior das freiras dominicanas:

«Nenhuma de nós tinha, até aí, reparado que havia nesses jardins estatuas nuas. Tínhamos brincado ali tantos dias, tantos domingos a fio e nem sequer olhávamos para os detalhes das figuras. Foi a boa irmã que, sem querer, na melhor das intenções, buscando salvar-nos do pecado, nos indicou o que no fim de tudo era até a beleza simbolica do bem e das altas qualidades, mas que ela, em seu exagero, julgava horrores.»

Não se deve nunca chamar a atenção para o que se julga mau, nem mesmo para corrigir creanças. É um erro maior evocar um mal que se viu e que a outros pode ter passado despercebido, ficando-se, só então, sabendo, que aquilo não é bom.

# Policias e Jornalistas

Os segredos da policia — Como os jornaes tem  
auxilliado as descobertas de crimes — O brio  
profissional em jogo — A liberdade de imprensa  
Os romances misteriosos

O senhor doutor Paulo Menano é um exemplar funcionario. De ha muito não aparece na Investigação Criminal superior tão recto e tão habil. Toma a serio o que lhe entregaram. Guarda a tradição dos Menanos que passaram pela vida publica no tempo da monarchia. Deve-se-lhe justiça. Aqui lha presto sem lhe conhecer mais do que os serviços.

Ha, porem, um assumpto em que discordo da sua resolução: é a forma como deseja impedir a imprensa de dar noticias das investigações dos crimes. Não o faço por instinctos jornalisticos de combate, mas por normas de liberdade de acção dentro dum mister.

Suponha se que se dá um crime e que a policia — como succede varias vezes, mesmo mais a miudo do que se pensa — não atina com a pista, perde o contacto com as figuras do facto, deixa em paz os criminosos, como aconteceu com os incendiarios do Limoeiro e do Terreiro do Paço, com os dós barcos dos Transportes Maritimos e com varios ladrões polpudos. Porém, um *reporter* atilado, fino, astuto, homem de talentos policiaes, que nunca são perdidos na nossa profissão de impressionadores do publico, com o que nos oferecem os bastidores da cidade, consegue apurar uma trilha, descortinar um indicio, atar-se aos passos do culpado e decide informar os seus leitores das diarias complicações do delicto. Com que direito é que a policia — que não descobriu cousa alguma — lhe impede as revelações?

Diz-se que não devem os periodicos inserir noticias de quaesquer casos enquanto se andam em buscas porque podem entravar a acção dos agentes avisando os reus. Para mim a formula é outra: os policias que não contem o que sabem aos *reporters*, mas que a lei não impeça os homens dos jornaes de revelarem o que descobrirem.

Aqui há duas funções em conflito, duas profissões que se entrecocam. Ou trabalham juntas ou cada uma segue as suas pistas com a certeza que se o jornal encaminhar melhor as buscas bate, com estrondo, os que oficialmente tem obrigação de salvar a sociedade dos delituosos.

Com o mesmo fundamento com que se argumenta para querer impedir

os jornalistas de noticiarem as suas averiguações pessoais, nós podemos contrapor outro dum alto significado também:

— Desde que a lei se oponha ao exercicio liberrimo da profissão de jornalista, em qualquer dos seus campos, pratica uma arbitrariedade. E' como ordenar a um medico que não trate senão de doenças do coração ou de peito deixando todas as outras; é como limitar a um advogado as suas causas e a um soldado a sua avançada. E' uma lei de excepção que nenhum homem de imprensa, num país onde houvesse dignidade profissional, consentiria.

Para demais, os *reporters* treinados nesses serviços de investigação são, por vezes, duma rara finura e em muitas ocasiões tem guiado os agentes com suas noticias e alvitres. Eles julgam-se lesados pelos nossos trabalhos, nós temos que pôr de lado a *reportagem* para servir os policcias. E quando o jornalista descobrir o que eles não alcançam? É obrigado a calar ou terá que ir narrar ao magistrado as suas desconfianças ou certezas? Mas, neste caso, quem deve tomar por sua conta o jornalista é o Estado e não as empresas particulares.

De resto, deixar de dizer aos leitores alguma cousa sobre os grandes casos do dia, é faltar ao nosso dever. Quem compra um jornal é para ser informado, como quem paga á policia é para que ela o guarde de perigos e entregue á justiça os criminosos.

Geralmente, a imprensa não falha á sua informação; frequentemente, tal instituição, deixa fugir os ladrões e os assassinos e tem chegado a ponto de haver, por vezes, uma confusão entre homens de justiça e reus.

Por consequencia, o que se deve deliberar é bem diferente do que deseja o senhor dr. Paulo Menano, no fim de melhores resultados tirar da sua profissão. Começar-se-ha por não impedir as dos outros. Que a policia negue informações aos jornaes admite-se; que a lei proíba aos jornalistas de as obter por outras vias isso é que não póde ser sem quebra da liberdade devida a cada um.

Parece-me, até, que só esse simples enunciado nos mergulha num romance de Ennery, em que se trata de misterios da policia, profundos, secretos, terriveis, guardados para os arquivos do futuro, proibidos á humanidade contemporânea dos factos que tão preciosamente se occultam.

# Quem dá mais pelos bairros sociaes?

Uma previsão popular — As obras publicas — A incuria e o medo — O que succede em todos os trabalhos do governo — Porque não se entregam a particulares as obras do Estado?

*Quem dá mais?! Quem dá mais pelos bairros sociaes?*

O auctor deste estribilhar de leiloeiro, anda ha anos, aí por essas vielas arrabaldinas. É um bufarinheiro, metade louco, metade filosofo, que se compraz em ouvir nas locandas desenhar-se o fado corrido contra os escandalos sociaes.

Ainda o vi, outro dia, carregado com seus fardos, enlonados, para que a chuva não lhe ensopasse os riscadinhos e os lenços, a enlôar de sua garganta os artigos que trazia e no fim:

*Quem dá mais? Quem dá mais?*

*Pelos bairros sociaes?*

Eis o que anda a pregoar, ha tempos, este caminheiro de pés feridos, barba rala e olhos de cão timido, onde, por vezes, faúlha certa malicia de creança pudica.

Como se o tivesse ouvido, o ministro interino do trabalho deliberou mandar soltar o pregão, após a aprovação em camaras, de seu projecto radical. Se não aprendeu com o simpatico vendedor ambulante, é caso para mais uma vez se constatar o encontro de dois espiritos.

Os bairros sociaes são uns dos grandes maus negocios do Estado republicano. Entaboletaram-se como obras do povo e para o povo e constatou-se que cada andar no Arco do Cego, onde se enterraram muitos milhares de contos, não se poderia alugar por menos de 60:0000 reis por mês. O bestunto extravagante de um prócere socialista, sem educação scientifica, sem bases, sem outra especie de intelligencia que não fosse a de falar em comicios, atirou essa tremenda manigancia para o publico. A revolução de Santarem que já nos dera os jacobinismos de um ministro a mandar prender, traiçoeiramente, Teofilo Duarte, enxertou tambem no burguezismo piresco da republica aquele avançado. É certo que deu a machadada no partido — hoje reduzido a um meio milhar de adeptos — e demonstrou a falta de competencia do Estado para se administrar.

Quando ouvi falar em bairros sociaes, pretendi conhecer a maneira porque eles se edificariam; desejei, mesmo, uma casa nesse meio popular que aprecio e amo. Estava no atrio da Academia das Sciencias, com

Teofilo e Braamcamp, alguém falando do caso, imaginando já os bairros de pé, a ganância dos senhorios esmagada, o conforto de um andarsito economico onde se pudesse trabalhar em socego. Calava-me; não sei porquê, não acreditava na possibilidade dos sonhos daquele rapaz e meus.

De repente, ouviu-se um grande ruido lá ao fim do corredor dos frades, assim chamado por nele se defrontarem as telas dos doutos e sapientes eclesiasticos da Companhia Letrada. Operarios gargalhavam; diante deles corria um garoto com uma bola de trapos.

Eram 3 horas da tarde. Entreolhamo-nos; despedimo-nos, após as censuras do estilo à massa trabalhadora; um dos presentes córou, por seu paladino, e o pretendente à casa no bairro, todo despeitado, numa zanga, cantarolou o hino do 1.º de maio, na sua parodia conhecida:

*É o Fontana! É o Fontana!  
Queremos descansar sete dias por semana!  
É o Fontana! É o Fontana...*

Eu, porem, menos de me deixar levar por aqueles desabafos contra trolhas e homens de mister, apesar de os ter visto de brincadeira, fui para um deles:

— Ó camarada; olhe que eu tambem preciso trabalhar aí numa leiturasita e vocês não me deixam... Que diabo de barulho.

O apontador fugira para o fundo do vasto corredor, envergonhado, tímido, e ele, o trabalhador, um brochante, explicou-me:

— Estamos para aqui... Pois se não ha tinta para pintar as portas... Entretemo-nos, desculpe... Não tornamos...

Aconselhei-lhes goso mais silencioso: a bisca, no pateo, sentados na doçura de uma restea de sol. É que a tinta podia levar muito tempo a chegar... Com efeito assim aconteceu.

Aquele desleixo do Estado, da administração é que relaxara o proprio proletariado. As obras publicas pagavam a quem não produzia porque lhes faltava a materia prima.

A construção dos bairros devia fazer-se por comanditas; ali não havia duvida que se trabalharia, afirmava o ministro, mas faltavam tambem os materiaes, embora houvesse arranchamento num negocio de fornecimentos que deu largos lucros. Quando se ergueram as paredes, viu-se que faltava a verba para os telhados; quando se fizeram os alicerces de uma casa compreendeu-se a impossibilidade de se lhe levantar as paredes. Fracassara tudo; consumia-se a verba e chegara-se à nitida certeza que nas obras do Estado é impossivel superintender por falta de competencia de quem se coloca à sua frente. São sempre politicos e dizer politico de confiança no regimen, é encarar a inaptidão que gerou a derrocada dos bairros sociaes e submersão dos Transportes Maritimos. Claro que jamais são chamados a dar contas os causadores dessas ruinas.

Clama-se que a culpa é da mandriice dos contratados, eu já expliquei a quem se deve a sua desmoralisação e como lhes falta muitas vezes a materia prima para trabalhar. Os bairros tiveram como serventes, alfaiates, sapateiros, gente que ia para ali, fugida dos seus officios, para figurar nas folhas das férias e não fazer nada?

Pois que se averigüe quem ordenou a sua entrada, em nome do socialismo ou do democratismo, e puna-se com alguns anos de degrêdo.

No Parque Eduardo VII—outra prova da incuria e da relaxação

estadoal e municipal — chegou a haver salarizados deitados debaixo das arvores, durante semanas, como num *pic-nic*, porque não se lhes dava ferramentas! Foi isso, com a jogatina desenfreada que ia por Lisboa, como agora, a inspiradora fonte do caricaturista Barradas para a sua deliciosa composição, publicada no *ABC a Rir*: uma duzia de operarios jogavam na roleta a vêr a qual deles saía a ferramenta.

Após a certeza de que tudo de quanto o Estado se encarrega, dá prejuizos e se torna em desastres, põem-se em hasta pública, os bairros sociais e aquilo que devia ser um lenitivo para os pobres tornar-se ha num consôlo para os ricos, se o ministro não arranjar a maneira de na escritura de venda proibir as especulações. Como? Não consentindo o aluguer dos predios comprados senão com o juro da lei sobre o capital empregado.

Depois disto trata-se de entregar a particulares as estradas, as obras dos edificios publicos e dos arsenais. Os operarios ficam e teem que obedecer a quem os mandar; os arrematantes farão os trabalhos com consciencia e só será prejudicada — num castigo merecido — essa massa inepta de dirigentes, acobardada diante duma voz mais alta, e indifferente aos serviços que lhe entregam, porque só deseja receber o ordenado, e esse está garantido, até vêr!

# A 2.<sup>a</sup> Serie dos "FANTOCHES"

A começar em 5 de Janeiro

É quando completa um ano este panfleto, que tanto tem agradado, e apresentar-se-hão algumas modificações interessantes. Alem da critica aos

## Factos da Semana

publicará nalguns numeros

Revelações sensacionais sobre varios acontecimentos do nosso tempo

como por exemplo:

OS BASTIDORES DO 14 DE MAIO — MACHADO SANTOS, ÍNTIMO — PORQUE FOI MORTO ANTONIO GRANJO? — ASSASSINIO DE JOÃO DE FREITAS — O HOMEM QUE A RAINHA FIXOU NO DIA DO REGICIDIO — CONSPIRADORES MONARQUICOS DIRIGENTES DA REPUBLICA — OS DOS NEGOCIOS ESCUROS — COMO SE ASSALTOU O MUSEU DA REVOLUÇÃO — OS HEROIS DA RUA — COMO SE GUARDOU O CADAVER DE SIDONIO, o que constitui trechos de *Memorias Historicas, Reminiscencias de Conversas, NOTAS SOBRE ALGUMAS SINGULARES PERSONAGENS, ETC.*

Não perderá esta publicação a sua característica, não falhará ao fim para que foi criada, constituirá um album ousado de critica contundente, amarga, aos acontecimentos, com algumas coisas curiosas a revelar ao leitor, as quais nem sempre se podem intercalar nas memorias que o autor decidiu escrever e das quais já estão publicadas:

D. MANUEL II — SIDONIO PAIS — MONARQUIA DO NORTE — JOÃO FRANCO E O SEU TEMPO (em publicação no ABC) — faltando a MARÉ DE SANGUE (o 19 de Outubro), a PRINEIRA INCURSAO e um livro de maior tomo, com documentos ineditos, sobre

## El-Rei D. Carlos

mas o que se inserirá nos *Fantoches*, sempre que seja possivel, serão as esquirolas de outras analises que não podem ficar perdidas. Quando os acontecimentos da semana o permitirem, elas serão publicadas.

Está aberta a assinatura para a 2.<sup>a</sup> Serie dos

## Fantoches

e com a proxima finalisação da primeira, enviamos os mais penhorantes agradecimentos aos leitores, que tão dedicadamente nos tem acompanhado, aconselhado e seguido.

